

Nova geração trabalha para a retomada dos desfiles das escolas de samba em Campinas



A Leões da Vila Padre Anchieta tomou as ruas do distrito de Aparecidinha, assumindo a forma de um vibrante bloco carnavalesco, ao mesmo tempo em que se prepara para seu retorno aos desfiles das escolas de samba

Isabella Macinatore
isabella.macinatore@rac.com.br

O carnaval, uma das festas mais esperadas e celebradas em todo o Brasil, assume diferentes formas e significados em cada região. Em Campinas, a festividade vem passando por transformações significativas nos últimos anos. Com a retomada dos desfiles de escolas de samba, a cidade inicia 2024 com a força dessa festa tradicional retomando seu espaço junto aos tradicionais blocos de rua, que reúnem foliões de todas as idades em celebrações democráticas e cheias de energia.

Com o intuito de aprofundar nossa compreensão sobre como os blocos de rua e as escolas de samba têm fortalecido sua importância como pilares fundamentais para a comunidade do carnaval de Campinas, Elizete da Silva, presidente da escola de samba Leões da Vila Padre Anchieta, e Roberto Cardinalli, jornalista e integrante da organização do bloco Nem Sangue Nem Areia, foram convidados por Ítalo Hamilton Barioni, presidente executivo do **Correio Popular**, para discutir a vibrante cena carnavalesca da cidade.

Elizete da Silva nasceu e cresceu imersa no samba, na Vila Padre Anchieta, distrito de Nova Aparecida. Sua ligação com a cultura do carnaval e sua comunidade é profunda, refletindo-se em sua liderança como presidente da escola Leões da Vila Padre Anchieta. Sua dedicação e paixão pelo carnaval são evidentes em sua trajetória, marcada pela preservação das tradições carnavalescas e pelo compromisso com a comunidade.

Roberto Cardinalli é um verdadeiro filho de Campinas, com raízes na região do Bosque. Seu amor pela cidade e sua vivência moldaram sua perspectiva sobre o carnaval e sua importância para a identidade cultural de Campinas. Como integrante da organização do bloco Nem Sangue Nem Areia, Roberto contribui para manter viva a tradição carnavalesca, oferecendo uma abordagem única e inclusiva para celebrar a festa popular.

Como começou a escola de samba Leões da Vila?

Elizete: O carnaval representa uma celebração essencial para a comunidade, um momento de união e expressão cultural. Meu pai, Aparecido da Silva, mais conhecido como Cidinho, fundou a escola Leões da Vila Padre Anchieta. Antes da Leões existir, existia a escola conhecida como Batusas do Samba. Em um ano, o presidente abandonou os componentes na avenida sem fantasias e simplesmente não apareceu. Após esse momento, o grupo da bateria guardou os instrumentos. Após esse acontecimento surgiu uma demanda da comunidade por organização frente a escola que nos representasse e foi quando meu pai tomou a frente do que é hoje a Leões. A origem do nome foi uma escolha simples. Meu pai pensou em escolher um animal, e associar o leão como o rei da selva foi a escolha perfeita. E com sete anos de idade, vivenciei a formação da escola. 70% da diretoria é composta por membros da minha família, enquanto o restante são moradores do bairro. Iniciamos como pleiteantes, sem verba da Prefeitura, mas seguindo as normas estabelecidas para podermos desfilar. Desde então, temos uma história de sucesso. Ganhamos no primeiro ano e só perdemos duas vezes desde então. Em 2010, meu pai faleceu e o Miró, seu vice, assumiu como presidente. No entanto, após essa ruptura da família, levando ao distanciamento de algumas pessoas da escola e o Miró tomou a decisão de colocar a escola a disposição da minha família, em 2012 eu assumi a presidência.

Como começou o bloco Nem Sangue Nem Areia?

Roberto: A história do bloco Nem Sangue Nem Areia remonta à década de 1940, quando a divisa da cidade era na Estação Fepasa, um bairro industrial com muitos curtiemes e

Campinas busca retomada dos desfiles das escolas

Elizete da Leões e Cardinalli do Nem Sangue debatem o futuro da folia

ENTREVISTA



Elizete da Silva, presidente da Leões da Vila Padre Anchieta; "carnaval representa uma celebração para a comunidade, um momento de união e expressão cultural"

abatedouros. E foi nessa época que Osvaldo Butcher, também conhecido como Bochoo ou Butcher, reuniu os amigos Sinézio Jorge (Zucão), Antônio Rua (Tulé) e Manoel dos Santos (Mané) e começaram a formar o bloco, com o impeto de celebrar sua própria identidade e divertir os vizinhos. O nome do bloco foi inspirado no filme de comédia "Nem Sangue Nem Areia" que surgiu em resposta ao sucesso do filme "Sangue e Areia" estrelado por Tyrone Power e Rita Hayworth que foi sucesso na época. As primeiras "fantasias" foram atreladas a essa herança do bairro. Eles começaram usando carcaças de boi e improvisando instrumentos, o bloco ganhou corpo e se tornou uma tradição local. Ao longo dos anos, o bloco manteve essa essência de diversão e inclusão. No começo, o foco era realmente divertir as crianças. Era uma época diferente, onde as pessoas eram mais próximas. Já na década de 70 o bloco se transformou em uma escola de samba, e em 1976, saímos com a sensação de que o desfile estava ganhando. Foi um desfile que fez sucesso, mas perdemos em aspectos técnicos, o que

foi uma grande frustração para a diretoria da época. Isso levou à suspensão das atividades da escola por um tempo. A retomada como bloco só aconteceu em 2008, quando alguns artistas e colegas jornalistas da cidade conversaram sobre a revitalização do Carnaval em Campinas. Foi com a ajuda de Helder Bittencourt (sambista, músico e compositor falecido em dezembro de 2013), autor do bordão "Alegria é coisa séria" que conseguimos esse feito. O único pedido de Helder, que frequentava o bloco Nem Sangue Nem Areia quando criança, foi trazer de volta o bloco como parte dessa retomada. Em 2009, saímos pela primeira vez como bloco e marcou o início do segundo momento do bloco na história e desde então só houve a suspensão devido à pandemia, e já retomamos as atividades em 2022.

Quais os desafios enfrentados na organização de uma escola de samba?

Elizete: O trabalho é duro e envolve muita dedicação. Em 2015, por exemplo, também tomei a decisão que iríamos encerrar nossas

“
Quando assumi a presidência, percebi a falta de comprometimento de algumas pessoas. E em 2015, senti um alívio quando o desfile acabou, e decidi que só retomariamos as atividades com iniciativas do setor privado. E coincidentemente nesse ano foi quando descobrimos que os desfiles seriam suspensos

atividades por conta de frustrações em relação a investimentos e à estrutura disponível para escolas de samba. Enfrentamos muitos problemas, principalmente com a população que tinha resistência ao carnaval. Muitas vezes, a festividade é vista apenas como uma festa sem valor cultural, o que é um equívoco. É uma manifestação cultural séria e que demanda muito trabalho. E justamente por existirem pessoas que não levam esse trabalho a sério, que a imagem da festividade é manchada. Meu pai, por exemplo, investiu muito do próprio bolso na escola. Ele vendia várias coisas para cobrir os custos, e se não ganhássemos, a dívida era grande. Quando assumi a presidência, percebi a falta de comprometimento de algumas pessoas. E em 2015, senti um alívio quando o desfile acabou, e decidi que só retomariamos as atividades com iniciativas do setor privado. E coincidentemente nesse ano foi quando descobrimos que os desfiles seriam suspensos. Mas por conta da demanda da população que começou com apelos pela volta dos desfiles, depois de sentirem falta durante os anos de suspensão, nós saímos com um bloco de rua em 2019. Hoje, nossa bateria tem 28 integrantes fixos e contamos também com a presença de 70 batuqueiros que nós formamos. Claramente, todos têm famílias e trabalho, então quando podem, eles comparecem, porque todos precisam trabalhar e não podem se dedicar integralmente à bateria. E isso é um aspecto que senti muito quando assumi, vi o quanto precisamos de uma reestruturação do Carnaval. Os prefeitos e toda a população precisam entender que é um trabalho sério, não apenas uma forma de garantir dinheiro. É um trabalho com a comunidade, e precisamos trabalhar em conjunto para fortalecer a cultura do Carnaval na cidade. O prefeito Diário Saad assinou um termo de compromisso com a retomada das escolas de samba e em julho o desfile será feito em homenagem aos 250 anos da cidade de Campinas. E a secretaria inclusive colocou à disposição os carros alegóricos que foram utilizados no carnaval, mostrando que para 2025 talvez seja possível retomar oficialmente ao carnaval de rua.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades Caderno: A Pagina: 4